

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 205/2012

ENCONTRO POSITIVO

Um encontro entre os Presidentes do Brasil e dos Estados Unidos é sempre um acontecimento de relevância política para nós: uma conversa direta com o Chefe de Estado e de Governo da maior potência mundial, líder quase absoluto do Ocidente, especialmente do nosso continente americano tem sempre um significado importante. Mesmo ao tempo em que a relação era marcada pela histórica submissão do Brasil, era uma oportunidade especial para a apresentação de pleitos e reivindicações de certa magnitude que dava ao encontro um relevo indiscutível. A relação hoje mudou substancialmente: ainda que os brasileiros reconheçam a enorme superioridade econômica e bélica dos Estados Unidos, não há mais aquela submissão que caracterizou a nossa posição durante todo o século passado. Ainda não é, entretanto, uma relação de igual para igual, evidentemente.

E o encontro Dilma-Obama desta semana ocorreu num momento de atenções especiais e certamente adquiriu um caráter mais eminente do que as triviais visitas recíprocas de manutenção dos laços diplomáticos e comerciais.

Do lado brasileiro esteve a primeira mulher a ocupar a presidência, com a missão de consolidar uma mudança substancial na história política do País, que abriu a possibilidade antes impensável da eleição de um torneiro mecânico seguida de uma ex-revolucionária com dura passagem pelo cárcere da repressão da Ditadura. Esta mudança colocou o Brasil num elevado patamar de reconhecimento internacional, como uma das mais genuínas e avançadas democracias do mundo. E com a responsabilidade, dela também, de dar seguimento e aperfeiçoamento de uma nova política econômica voltada prioritariamente para a redistribuição de renda, o alargamento de mercado interno e o avanço sócio-cultural de todas as camadas da população.

Do lado americano, a expressão significativa do Presidente que venceu talvez a mais improvável eleição da história daquela nação, o primeiro negro, de pai africano e muçulmano, e que tem logo à frente uma provável reeleição que lhe oferecerá campo para a realização de reformas importantes que pretendeu e não conseguiu implementar no primeiro mandato.

No pano de fundo do encontro, uma crise econômica mundial que se arrasta desde 2007, deflagrando agora uma verdadeira guerra comercial e cambial entre os países mais ricos e uma explosão social nos europeus mais afetados. No canto do mundo chamado Oriente Médio, uma tensão política que, ademais de ser permanente por décadas a fio, assume no momento um pico escarpado, com ameaça de uma guerra entre Israel e Irã, desdobrável em consequências potencialmente gravíssimas.

Não é difícil especular sobre os pontos mais importantes da conversa, que era para ser de vinte minutos e demorou duas horas: os pontos mais difíceis da agenda, os pontos de desencontro que não são referidos com destaque nos comunicados oficiais sobre o encontro. Um deles, certamente, foi este do Oriente Médio, particularmente a posição sobre o Irã, que o Presidente Obama, quase em tempo de campanha, não pode alterar em nada, tendo em vista a força político-eleitoral gigantesca dos grupos pró-Israel nos Estados Unidos. É possível que tenha dito à nossa Presidenta, sob restrita reserva, que vê com interesse a disposição mediadora do Brasil que pode vir a ser de enorme utilidade em futuro próximo, ao fim do ano, se exercida discreta e eficientemente.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 205/2012

No mesmo diapasão, Obama pode ter manifestado alguma simpatia pela liderança brasileira na América Latina, com capacidade para exercer também mediação construtiva sobre os atritos da grande potência com Cuba e com esta novidade que se vai consolidando, que é a Comunidade Bolivariana

Outro assunto difícil é o do petróleo, mais especificamente, o Pré-sal. A decisão política, vital para o nosso desenvolvimento, de manter a exploração sob execução exclusiva da Petrobrás, obviamente é incômoda para os tradicionais e fortes interesses americanos. E é um desencontro de interesses que pode se tornar inflamável no próximo quadriênio, no curso do segundo mandato de Obama. É de se esperar que tenha sido bem firme a posição da Presidenta Dilma.

Finalmente o ponto da mais alta relevância não só para o Brasil mas para o mundo e a Humanidade: a questão da reforma da ONU e do Conselho de Segurança.. É crucial, sim, não só pelas razões políticas, como a possibilidade de que a associação de interesses dos Estados Unidos com China evolua para um contencioso cada vez mais forte e até para uma nova guerra fria, como também pela urgência do estabelecimento de uma certa governança mundial para gerir a questão ambiental. Aliás, no inevitável enfrentamento com a China, a aliança do Brasil pode ser de importância inestimável para os Estados Unidos.

O bom e amistoso relacionamento com os Estados Unidos é obviamente de grande importância para nós. E eu acredito que este último encontro, que se encerrou sem fanfarras, tenha sido muito positivo para o fortalecimento desses laços políticos tradicionais e relevantíssimos para nós.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br